

# Alguns Apontamentos sobre a Atuação de Geraldo Horácio de Paula Souza no Serviço Sanitário de São Paulo (1922-1927)

Cristina de Campos<sup>1</sup>

Desde a última década do século XIX, o governo paulista empenhava-se em equipar a máquina estatal com repartições e divisões onde deveria existir regulação e controle do Estado. Era, então, a preocupação em organizar e compor o Estado<sup>2</sup>. Dentre as novas repartições criadas, destacamos as secretarias da Agricultura e a dos Negócios do Interior, basicamente as mais importantes que estavam, respectivamente, construindo e regulando o território paulista.

Na época, o estado de São Paulo enfrentava vários problemas relacionados a epidemias e à falta de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento econômico. As várias autoridades políticas, representantes ou mesmo membros da elite econômica representada pelos grandes produtores de café, exigiam obras de saneamento que afastassem as doenças e garantissem as suas atividades econômicas. Justamente as três cidades mais importantes para a economia cafeeira encontravam-se nas piores condições sanitárias: Santos, São Paulo e Campinas. A primeira era a porta de entrada dos novos trabalhadores estrangeiros e o local de comércio e escoamento da produção para o exterior; São Paulo, a capital do estado, era mercado de compra e venda da mão-de-obra e outros serviços urbanos, enquanto Campinas situava-se naquele momento bem no meio da zona produtora de café, funcionando, assim, como centro de distribuição e concentração de trabalhadores e comerciantes (TELLAROLI JUNIOR, 1993, RIBEIRO, 1993 e CAMPOS, 2001). Para enfrentar a grave crise das epidemias que grassavam nestas três cidades<sup>3</sup>, o governo paulista, através de suas secretarias da Agricultura e dos Negócios do Interior, passou a intervir pesadamente com a criação das Comissões de Saneamento e Sanitária<sup>4</sup>.

As obras de infra-estrutura urbana e territorial pelo estado de São Paulo prosseguiram e adentraram o século XX por mais duas décadas. Vale destacar novamente que essas obras permitiriam a concretização do desenvolvimento econômico, sobretudo ligado à produção do café, principal produto da exportação brasileira. Corrente de políticos e profissionais endossava o provimento dessa infra-estrutura para impulsionar a industrialização nacional. Essas obras, a exemplo da regulação do novo espaço construído, era alvo da ação do Estado. Se a Secretaria da Agricultura era a responsável pela execução das obras, o papel da Secretaria dos Negócios do Interior era elaborar as normas de construção, comércio e alimentação, enfim, regulando praticamente toda a vida social do estado. Referimo-nos aqui ao Código Sanitário, base reguladora de várias atividades em São Paulo. Caracterizava-se por regulação estrita e

orientação sobre construção e ocupação do espaço urbano, além de embasar a regulação de outras atividades, como o comércio de produtos e a produção de gêneros alimentícios, dentre outras.

Com o auxílio do Código Sanitário, os diretores do Serviço Sanitário (repartição estadual ligada à Secretaria dos Negócios do Interior) tiveram as suas atividades voltadas à transformação do meio, com a criação de políticas públicas e obras de saneamento para levar higiene à população rural e urbana. Essa prática norteou a ação dos diretores do Serviço Sanitário até 1930. Uma mudança com esse mesmo objetivo ocorreria com a entrada do médico Geraldo Horácio de Paula Souza na direção desta repartição, introduzindo uma nova metodologia de trabalho para garantir a saúde e o próprio saneamento urbano e territorial.

Nosso objetivo é debater essas novas abordagens introduzidas por Geraldo Horácio de Paula Souza, destacando que sua intenção, diferentemente de seus antecessores, foi a implementação de projeto para a inculcação da higiene, através da educação sanitária dos indivíduos concomitantemente ao desenvolvimento de obras ambientais.

## A Formação Profissional de Geraldo Horácio de Paula Souza

Geraldo Horácio de Paula Souza era filho de Antonio Francisco de Paula Souza e de Ada Herwegh. Seu pai foi um importante engenheiro de obras de infra-estrutura urbana e territorial, do final do Império, até meados da Primeira República, e um dos fundadores e o primeiro diretor da Escola Politécnica paulista. Sua mãe, de origem européia, era filha do 'poeta do proletariado', Georg Herwegh (GITAHY, 1994). Os estudos normais de Geraldo de Paula Souza ocorreram em São Paulo, onde também cursou a sua primeira graduação em farmácia, na Faculdade Livre de Farmácia de São Paulo. Ao finalizar o curso, parte para o Rio de Janeiro e matricula-se no curso de medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Durante a graduação em medicina cursou ainda, em regime especial, o curso de Química da Escola Politécnica paulista durante suas férias

<sup>1</sup>Cientista social (UNESP, 1996) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Contato: crisleine@yahoo.com

<sup>2</sup>Para aprofundamento desta afirmativa ver Hochman, 1998.

<sup>3</sup>Santos enfrentava a peste bubônica e a febre amarela, São Paulo a varíola e Campinas também a febre amarela.

<sup>4</sup>As Comissões de Saneamento realizavam obras de engenharia sanitária para higienizar o meio e eram ligadas à Secretária da Agricultura, sendo responsáveis pela execução de obras. As Comissões Sanitárias atuavam paralelamente às Comissões de Saneamento e eram responsáveis pelo controle e tratamento das doenças, sendo subordinadas ao Secretário dos Negócios do Interior. Sobre o trabalho destas comissões, ver Almeida, 1998.

escolares, sob a tutela do professor suíço Roberto Hottinger. Enquanto estudante de medicina, com os contatos estabelecidos por Hottinger e pelos seus familiares europeus, os Herwegh, vai para a Europa, em 1911, para estudar na Faculdade de Medicina de Berna e realizar estágios em laboratórios da Alemanha e da França.

Ao retornar ao Brasil, forma-se médico, em 1913, e retorna a São Paulo, abrindo seu próprio laboratório de análises clínicas. Além deste ofício, trabalha também na condição de assistente de Roberto Hottinger, seu tutor em Química. Juntos, Geraldo de Paula Souza e Hottinger “realizaram uma série de experimentos sobre a qualidade da água distribuída na cidade de São Paulo” (CAMPOS, 2001, p.35), incluindo o desenvolvimento de um filtro especial de água, comercializado posteriormente como filtro Salus, até hoje existente no mercado. Em 1914, com a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Geraldo de Paula Souza é indicado ao cargo de Assistente do Departamento de Química e, em 1916, recebe nova indicação, desta vez para o cargo de Professor Assistente da Cadeira de Higiene, fundada através de convênio entre a Fundação Rockefeller e o governo estadual paulista (CAMPOS, 2001). O responsável por esta cadeira era o técnico norte-americano Samuel Taylor Darling, enviado especial da fundação para desenvolver uma escola de Higiene em São Paulo. Darling será, a nosso ver, peça fundamental também para a concretização da carreira de sanitarista de Geraldo Paula Souza, pois este o indicará para o doutorado em Higiene e Saúde Pública pela Johns Hopkins University<sup>5</sup>. Assim, em 1918 partiram para a Johns Hopkins University, em Baltimore, os médicos Geraldo de Paula Souza e Francisco Borges Vieira.

Os dois médicos permaneceram nos Estados Unidos até 1920 e lá adquiriram os ensinamentos que marcariam as suas carreiras profissionais. Com a chegada ao Brasil em 1921, Geraldo de Paula Souza assume a direção do Instituto de Higiene, voltado ao ensino e pesquisa na área de Higiene e Saúde Pública, e a Francisco Borges Vieira é oferecido o cargo de vice-diretor. Logo em 1922, com carta de apresentação da Fundação Rockefeller ao Secretário dos Negócios do Interior (Rockefeller Archive Center) Geraldo Paula Souza assume a direção do Serviço Sanitário e lá aplicará os preceitos aprendidos nos Estados Unidos sobre administração sanitária, instituindo nova prática sanitária apoiada pela Fundação Rockefeller.

### **Uma Nova Maneira de Trabalhar com a Higiene: a proposta de Geraldo Horácio de Paula Souza**

Ao assumir a direção do Serviço Sanitário, uma das primeiras realizações foi a cloração da água distribuída para a cidade de São Paulo, a fim de conter a epidemia de febre tifóide que grassava mais uma vez na cidade, técnica, até então, não empregada em São Paulo (MASCARENHAS, 1973). Enquanto diretor desta repartição, elaborou um relatório ao Secretário dos Negócios do Interior, ao qual estava subordinado, esclarecendo sua posição e evidenciando

uma gestão diferente de seus antecessores, mostrando certa aversão aos modelos policiais e de campanhas sanitárias (CAMPOS, 2001, p.234). Chama, assim, a atenção para o novo problema de saúde pública, “a vida moderna, urbana, (...) por ter conseqüências trágicas para a nossa sociedade em termos do processo saúde doença” (MERHY, 1992, p.92). Nos primeiros anos no Serviço Sanitário, Geraldo de Paula Souza introduziu modificações nesta repartição: sua atenção voltava-se a rigoroso levantamento dos problemas sanitários de São Paulo para mapear e entender, equacionando, dentro de seus conhecimentos de saúde pública, as principais dificuldades da metrópole.

Para tal levantamento, este médico utilizou a pesquisa de campo, com registro fotográfico de cortiços, abrigo de imigrantes, os reservatórios de abastecimento de água, residências e as vias de circulação da cidade. Seu estudo sanitário não se restringiu à capital, avançou também para o interior, registrando as condições de vida rurais e urbanas. A sistematização dessas informações sobre a situação sanitária no estado de São Paulo, feita por Geraldo Horácio de Paula Souza, transformou-se em relatórios, remetidos ao secretário dos Negócios do Interior, e artigos, alguns submetidos ao I Congresso Brasileiro de Higiene. Assim, paulatinamente, construía as bases para a instalação do seu modelo sanitário, já incluindo na repartição algumas inovações, a exemplo do Posto Municipal Permanente, conforme veremos adiante.

Com este estudo sobre os principais problemas de saúde pública de São Paulo, Geraldo de Paula Souza concluiu que a solução encontrava-se no modelo norte-americano de saúde, baseado na Educação Sanitária. O contato com este modelo ocorreu quando estudava nos Estados Unidos e mesmo com os técnicos da Fundação Rockefeller aqui em serviço. O modelo fundamentado na Educação Sanitária pressupunha a instrução da população local, rural ou urbana, conforme a moderna higiene, para não colocarem em risco a saúde coletiva; ou, como escreveu Hochman, momento em que as elites tomaram consciência dos elos de interdependência social com os mais pobres. Se não houvesse a coletivização da saúde, os elos sociais ameaçariam realmente as elites (HOCHMAN, 1998). A Educação Sanitária proposta por Geraldo de Paula Souza partia da premissa de que mesmo o ambiente com condições básicas de saneamento possuía o agravante de que seus habitantes não o usavam corretamente, possibilitando o aparecimento de pequenos problemas ligados à saúde, facilmente transformáveis em mal maior, e nem mesmo o ambiente saneado conseguiria inibir o seu desenvolvimento. A Educação Sanitária seria passada por pessoal técnico treinado para inculcar e persuadir os indivíduos para a necessidade dos preceitos básicos de higiene (RIBEIRO, 1993). Outra idéia importada por Geraldo de Paula Souza foi a dos Centros de Saúde, onde agiriam os educadores sanitários espalhados no território em pontos estratégicos, com raio de ação em cada região da cidade.

Por encaixar-se perfeitamente às necessidades paulistas, o modelo norte-americano de saúde, segundo seu entendimento enquanto médico sanitarista, Geraldo de Paula Souza iniciou vários estudos visando implantar a Educação

<sup>5</sup>O contrato entre a Fundação Rockefeller e o governo paulista determinava o envio de técnicos estrangeiros para gerenciar os trabalhos e bolsas de estudos da fundação a dois técnicos brasileiros para a Johns Hopkins University (CANDEIAS, 1984).

Sanitária e os Centros de Saúde. Outro problema enfrentado por este sanitarista foi a falta de enfermeiras para divulgar e inculcarem a Educação Sanitária, já que não existia Faculdade de Enfermagem em São Paulo. Para este problema, especificamente, a solução foi adotar as moças saídas do curso de magistério, que, após especialização, estariam aptas a administrarem a Educação Sanitária e outras tarefas junto ao Centro de Saúde. Já os meios para garantir que a Educação Sanitária e os Centros de Saúde fossem respectivamente implementados e criados, Geraldo de Paula Souza trabalhou na reformulação do Código Sanitário, principal lei que regia os serviços e a ação de saúde no estado de São Paulo. Esta reforma foi elaborada em prazo de aproximadamente três anos e, neste ínterim, o médico elaborou artigos e relatórios que, de certa forma, legitimavam a introdução da Educação Sanitária, ou seja, do modelo norte-americano de saúde.

### **Os Relatórios e a Reforma do Código Sanitário em 1925**

A preocupação com o espaço construído, habitado e o território em si, geralmente é muito recorrente dentro da proposta de Educação Sanitária e dos Centros de Saúde de Geraldo de Paula Souza. Exemplo claro disto são as idéias esboçadas no artigo 'O Estado de São Paulo e Alguns dos seus Serviços de Saúde Pública', enviado ao I Congresso Brasileiro de Higiene, em 1923, depois de apenas um ano à frente do Serviço Sanitário<sup>6</sup>. Neste, o médico mostra sua preocupação com o saneamento do território, criando para tal tarefa o Posto Municipal Permanente, em substituição às campanhas temporárias contra as endemias rurais. Este posto não apenas combateria as endemias, sua função ia além, abarcando também serviços de laboratório, de Educação Sanitária, policiamento sanitário, vistoria de casas, dentre outros. Na verdade, por trás da idéia de Posto Municipal, observamos a proposta de saneamento por meio destes postos. Nestes locais, além da Educação Sanitária visando à persuasão para os hábitos higiênicos, a população receberia instruções para construir fossas, habitações, ligações de esgotos etc., dentro das normas técnicas do Código Sanitário. O posto também fiscalizaria o cumprimento de todas as exigências do Código Sanitário. Assim, a localidade - pequena cidade ou vila - estava protegida e amparada contra qualquer ameaça à saúde de sua população.

Outro relatório elaborado por Geraldo de Paula Souza é sobre a água de alimentação da cidade de São Paulo, tratando-se na verdade de um estudo profundo sobre a rede de água local (CAMPOS, 2001, p.249). Aborda também a falta de rede de esgotos abrangente na capital do estado, realçando a necessidade de expandir tal benefício para várias áreas da cidade. Sobre os locais desprovidos de tais serviços, faz os seguintes comentários:

*"empregam-se os recursos primitivos e quase sempre perigosos, dos poços e das fossas. Se estes elementos*

*são toleráveis nas zonas menos densamente povoadas, representam nesta grande cidade uma afronta à nossa civilização e um dos mais ativos fatores para a alta morbidade e conseqüente mortalidade. A água dos poços rasos é habitualmente perigosa, por ser poluída diretamente pelas caçambas sujas, pelas trincas do terreno e pelas enxurradas e, embora cobertos os poços e providos de bomba, ainda se contamina a água, exposta a infiltrações de variada natureza"* (SOUZA, 1936, p.109).

As fossas, a precariedade de esgotos e a falta de hábitos higiênicos da população constituem, segundo este médico, grave problema de saúde pública para São Paulo, referindo-se à febre tifóide que grassava na cidade há vários anos, já transformada em endemia. A solução para tal problema sanitário estaria na construção de "um abundante e imediato abastecimento de água" antes mesmo da ampliação da rede de esgotos (SOUZA, 1936, p.111). Defendendo a ampliação da rede de abastecimento, o médico discorre sobre como deveria ser escolhido o local para levar água saudável para a cidade. Baseando-se em estudos anteriores realizados por engenheiros sanitários a exemplo de Theodoro Sampaio e Saturnino de Brito, escreve que a coleta da água para o abastecimento pode ser feita a partir de três opções: a primeira, trazer a água de manancial de qualidade de longe da cidade de São Paulo, a segunda, lençóis subterrâneos e poços artesianos, e a terceira, a utilização de rios volumosos que cortam a cidade (CAMPOS, 2001, p.253). Geraldo de Paula Souza defende, em caráter mais emergencial, durante a época da estiagem, a terceira possibilidade que seria a retirada da água do rio Tietê para completar o abastecimento da cidade, já realizado anteriormente:

*"Em 1914, foram usadas as águas do Tietê para o abastecimento da cidade, porém sem o tratamento devido, sendo distribuídas in natura, ocasionando assim o aparecimento de moléstias na população, inclusive a grande epidemia de febre tifóide neste mesmo ano. (...) O problema em torno da utilização das águas do Tietê originou-se pelo fato de não dispor São Paulo de um reservatório seguro de água, tendo que utilizar nas épocas de estiagem o único recurso disponível que são as águas dos rios mais caudalosos próximos à cidade"* (CAMPOS, 2001, p.253-254).

A água de abastecimento da cidade era captada em Cotia através de simples canalização. Mesmo não sendo engenheiro, Geraldo de Paula Souza argumenta que seria necessário ao governo completar esta simples canalização com a construção de barragens e reservatórios garantindo o armazenamento de um volume maior de água, inclusive durante a estiagem. Este relatório foi sugestão e também uma crítica à proposta do governo estadual de construir uma nova captação de água do Ribeirão Claro, obra que levaria tempo para ser concluída, não resolvendo imediatamente o problema. A construção dos reservatórios em Cotia e a solução mais imediatista, de captação dos rios Tietê e Pinheiros, são as propostas mais viáveis para aquele momento. Inclusive, o médico realiza um balanço dos custos e comprova ser a capta-

<sup>6</sup>Neste artigo, aborda também questões ligadas à reformulação administrativa do Serviço Sanitário.

ção das águas dos rios próximos o meio mais rápido e econômico para suprir o abastecimento.

### Considerações Finais

De todas as contribuições de Geraldo de Paula Souza para o Serviço Sanitário aqui delineadas, a mais significativa, que o distingue dos outros diretores desta repartição, talvez tenha sido a sua compreensão em torno das questões relativas ao saneamento ambiental. Defensor dessas obras, indispensáveis para a habitabilidade do espaço, frisava que deveriam acompanhar-se de um trabalho de higiene voltado para a construção de uma cultura sanitária. Imbuir a população de uma consciência sanitária era estender os benefícios de um ambiente salubre, baseados em Educação Sanitária e nos Centros de Saúde que, espalhados pelas cidades, cumpririam esse objetivo.

O que deve ser ressaltado, além dessa sua proposta inovadora de saúde pública, é que a sua concepção de medicina sanitária não o fazia pensar os problemas sanitários de forma isolada, eles faziam parte de um contexto, de um microcosmo social. E essa é uma das principais características do pensamento médico de Geraldo de Paula Souza. Contudo, suas propostas sofreram reveses, não conseguindo implantar, como rezava o novo Código Sanitário de 1925, a totalidade dos Centros de Saúde, locais que irradiariam a Educação Sanitária. Mesmo assim, podemos atribuir aos esforços de Geraldo de Paula Souza a introdução no Brasil dessas unidades de saúde pública, existentes até hoje, em várias localidades de nosso país.

### Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, M. **República dos Invisíveis. Emílio Ribas, Microbiologia e Saúde Pública em São Paulo (1898-1917)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.
- CAMPOS, C. **A cidade através da Higiene, 1925 – 1945. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para São Paulo**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. A higiene do espaço através da Educação Sanitária. As propostas modernas de Geraldo Paula Souza para de São Paulo, 1922-1945. In: GITAHY, M. L. C. **Deseñando a cidade no século XX**. São Carlos: Rima/Fapesp, 2005.
- CANDEIAS, N. M. F. Memória histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – 1918-1945. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. esp., 1984.
- HOCHMAN, G. **A era do saneamento**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.
- MASCARENHAS, R.S. **Contribuição para o estudo da administração sanitária em São Paulo**. 1949. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. História da Saúde Pública no Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.7, n.4, p.433-436, 1973.
- MERHY, E.E. **A Saúde Pública como política**. São Paulo: Hucitec, 1992.

RIBEIRO, M.A.R. **História sem fim... Um inventário da Saúde Pública**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

SOUZA, G.H.P. O Estado de São Paulo e alguns dos seus serviços de Saúde Pública. Algumas considerações sobre a mortalidade infantil em São Paulo. Serviço de Estatística Sanitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HIGIENE, 1., Rio de Janeiro, 1923. **Anais**. Rio de Janeiro: SBH, 1923.

\_\_\_\_\_. Aspectos do problema da água de alimentação em São Paulo, em 1925. **Arquivos de Higiene e Saúde Pública**, São Paulo, 1936.

TELAROLLI JÚNIOR, R. **Poder e Saúde. A República, a Febre Amarela e a formação dos Serviços Sanitários no Estado de São Paulo**. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP, 1993.